

# O FEMINISMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA PELAS LENTES DO FILME *EU NÃO SOU UM HOMEM FÁCIL*

Aline Almira Morbach<sup>1</sup>

Maruana Kássia Tischer Seraglio<sup>2</sup>

**RESUMO:** Dirigido por Eléonore Pourriat, o filme *Eu não sou um homem fácil* (2018) critica o machismo intrínseco à sociedade de forma divertida e leve, usando o gênero comédia, e cumprindo seu objetivo central de mostrar a perspectiva feminista sobre a dominação sexista da sociedade. Ao compreendermos que as representações audiovisuais contribuem para reflexões e investigações no campo das ciências humanas e, mais do que isso, que elas estão focadas em territórios simbólicos, expandindo compreensões e interpretações de mundo, temos como objetivo principal deste estudo analisar como as mulheres de classe média na sociedade contemporânea são retratadas no personagem Damien no filme *Eu não sou um homem fácil*. Damien é um estereótipo típico de um homem machista que, depois de bater a cabeça, acorda em uma sociedade em que homens e mulheres têm papéis invertidos. Para desenvolver esta análise, primeiramente foram realizadas discussões teóricas, das quais destacamos questões relacionadas à pós-modernidade e ao feminismo. Em seguida, as análises acontecem a partir das três cenas do filme que servem de *corpus* de análise. Também é abordada a importância do cinema como ferramenta educativa e possibilidades de uso de trechos do filme como recurso transdisciplinar. Concluiu-se, por meio das análises e a partir da perspectiva do filme, que as mulheres de classe média na sociedade contemporânea lidam com questões relacionadas à objetificação do corpo feminino, à subestimação no ambiente profissional, além do preconceito e da desigualdade.

**Palavras-chave:** feminismo; análise de filmes; *Eu não sou um homem fácil*.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a sua criação, as produções culturais e artísticas, como as artes, a literatura e o cinema, têm buscado abordar as relações sociais e colocá-las no centro das discussões como uma forma de reflexão sobre o funcionamento da sociedade no passado, no presente e no futuro. Muitas dessas discussões têm, inclusive, se concentrado nas desigualdades sociais na ânsia de romper com normas estabelecidas. Por essa razão, o humor às vezes é usado como uma ferramenta para alertar o público sobre essas questões.

Antes de adentrarmos nas especificidades desse estudo, precisamos observar a sociedade em que estamos inseridos. Conforme autores contemporâneos (Hall, 2015; Santos, 2012), vivemos na pós-modernidade e, por isso, muitas questões estão

---

1 Doutoranda em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Uniedu.

2 Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Bolsista Capes.

em debate. A preservação de valores e de costumes tradicionais, por exemplo, não abrange o conceito de pós-modernidade elaborado por Hall (2015), segundo o qual os modos de viver localizados pela ação da pós-modernidade livram os indivíduos de todos os tipos tradicionais de ordem social. Esse movimento de rompimento com a tradição é uma das características da pós-modernidade, pois, conforme Santos (2012), esse deslocamento rompe princípios, regras, valores, práticas e realidades, provocando o recuo da tradição, da religião e da moral, ditando novos valores mais livres, urbanos e atrelados ao progresso social.

Esses deslocamentos e rompimentos conduzem a novas organizações sociais que disputam direitos e representação, entre os quais podemos mencionar o feminismo. Não buscamos aprofundar os fundamentos e as raízes desse movimento com este artigo, até porque não conseguiríamos discutir todas as correntes e as características que compõem o grupo; mas o mencionamos pois, como o leitor observará, isso tem relação com a pesquisa desenvolvida.

Mas, afinal, por que estamos discutindo sobre pós-modernidade e produções artísticas e culturais? Entendemos que as representações audiovisuais contribuem para reflexões e investigações no campo das ciências humanas e, mais do que isso, elas estão focadas em territórios específicos, expandindo compreensões e interpretações de mundo. Destacamos que os territórios abordados neste artigo não correspondem ao modo tradicional, em sentido geográfico, uma vez que, apesar de o filme ser retratado no contexto francês, as dinâmicas podem ser aplicadas em diversos outros espaços. Logo, tratamos de territorialidades simbólicas definidas por significados compartilhados, práticas culturais e relações de poder. Portanto, o objetivo principal deste estudo é analisar como as mulheres de classe média na sociedade contemporânea (o filme analisado se passa em 2018) são retratadas no personagem de Damien no filme *Eu não sou um homem fácil* (2018).

Para contextualizar o leitor sobre a obra, o filme *Eu não sou um homem fácil*, dirigido por Eléonore Pourriat, critica o machismo intrínseco à sociedade de forma divertida e leve, sem deixar de cumprir seu objetivo central: ir contra princípios sexistas e aproveitando o gênero da comédia para distorcê-los. Resumidamente, a trama se desenvolve a partir da perspectiva do personagem principal, Damien. Esse cidadão francês é um estereótipo típico de um homem machista que, depois de bater a cabeça em uma placa enquanto caminhava pela rua, acorda em uma sociedade em que homens e mulheres têm papéis invertidos.

Assim, este estudo está organizado da seguinte forma: primeiro, discussões de natureza teórica na seção “breves apontamentos teóricos”; depois, em “procedimentos”, abordamos a proposta de análise e a sinopse do filme francês; em seguida, em “movimentos de análise”, apresentamos as três cenas que servem de *corpus* de análise; por fim, em “implicações pedagógicas”, tratamos da importância do cinema como ferramenta educativa, uma vez que defendemos o uso de produções literárias e suas representações audiovisuais como material de estudo e de ensino para um aprendizado crítico.

## 2 BREVES APONTAMENTOS TEÓRICOS

As sociedades são caracterizadas pela diferença e atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais, produzindo uma variedade de posições-sujeito, ou seja, identidades. Na pós-modernidade, buscaram-se transformações, as quais acabam por libertar o indivíduo de seus suportes estáveis em tradições e em estruturas. Com isso, são assumidas diferentes visões e perspectivas sobre ideologias que compõem a sociedade, como sexo, gênero, poder, representação, entre outras, questões amplamente discutidas por Butler (1990, 1993).

Com relação a essas mudanças, Hall (2015) nos mostra que, desde o final do século XX, mudanças estruturais vêm transformando as sociedades, “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2015, p. 9), caracterizando a pós-modernidade. Para Santos (2012), a pós-modernidade passeia por uma sociedade de sujeitos individualistas que são seduzidos pelo consumo, poder e prazer da compra de bens e de serviços. O homem pós-moderno flerta com o vazio, com a falta de sentido para a vida.

Compartilhamos do entendimento de Santos (2012), de que a redefinição de conceitos e de valores respinga na constituição das famílias, pois o foco da existência dos indivíduos não é mais a família, afinal “sai-se cedo de casa, casa-se tarde, descasa-se com facilidade e, sobretudo, reproduz-se pouco” (Santos, 2012, p. 93). De acordo com Vilhena (2004, p. 6-7),

O que observamos então é que a família, herdeira do individualismo, sente a refração em si mesma deste mesmo individualismo exacerbado, fazendo com que cada vez mais se façam ouvir os clamores, muitas vezes nostálgicos, pela volta dos valores tradicionais, pelo respeito aos mais velhos, pelo compromisso com o outro.

Foucault (1977) discorre que a modernidade influencia no corpo físico do sujeito moderno, mas também pode redefinir valores, conceitos e crenças, abalando estruturas tradicionais, promovendo novas visões e possibilidades sobre diversas situações. Apesar de investigar o sujeito moderno, muitas questões discutidas pelo autor se relacionam com a pós-modernidade, principalmente se olharmos para a desconstrução do sujeito moderno. Foucault (1977) desenvolve críticas à noção do sujeito unitário e coerente na modernidade, uma vez que o sujeito moderno não é fixo e autônomo, mas construído e moldado por relações de poder e discursos sociais. Seguindo essa ideia de (des)construções sociais e de ruptura com a tradição, Santos (2012) caracteriza a pós-modernidade como esse deslocamento que rompe princípios, regras, valores, práticas e realidades, que afasta a tradição, a religião e a moral, ditando novos valores ligados ao progresso social.

Nesse contexto, o feminismo surge como uma orientação teórica que inclui uma ampla gama de posições e de visões (McLaren, 2016). Toda teoria feminista começa com a opressão ou a subordinação da mulher, e visa libertar a mulher de sua subordinação. Segundo Hall (2015), o feminismo abriu para a contestação política novos cam-

pos da vida social, como família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão doméstica do trabalho, cuidados com os filhos, entre outros, assim como questionou a noção de que homens e mulheres eram partes de uma mesma identidade, a humanidade.

De forma breve, apresentamos algumas orientações teóricas do feminismo, de acordo com McLaren (2016): (a) liberal, pois há foco na igualdade e considera-se que homens e mulheres possuam as mesmas capacidades racionais e, portanto, argumenta-se que ambos devem ser tratados com igualdade; (b) radical, com ênfase nas diferenças da mulher para o homem, isto é, admite-se que há diferenças biológicas significativas entre ambos e acredita-se que palavras e imagens são potenciais transmissores de valores sociais e culturais; (c) marxista, em que entende-se o capitalismo mais do que o sistema patriarcal como a causa fundamental da opressão da mulher; (d) socialista, em que se preocupa com questões de sexualidade e do corpo, mas percebe-se essas questões e o próprio patriarcado entrelaçadas às questões econômicas; (e) multicultural, que se refere à negligência de raça, de etnia e de cultura evidente em abordagens feministas anteriores; (f) global, que busca incluir questões de mulheres de todo o mundo e reconhece as realidades históricas e sociais do colonialismo e do imperialismo; e (g) pós-moderna, que levanta questões similares sobre a função normalista de um conceito de identidade singular (unificado) e sobre quem está incluído no escopo da teorização feminista (McLaren, 2016).

Santos (2013) comenta que o feminismo passou a questionar no marxismo o privilégio da ação, das práticas, das identidades e do poder de classe em detrimento de outras formas de construção da subjetividade social. A partir disso, consideram-se a importância e a especificidade da exploração do trabalho e da identidade feminina não apenas no espaço da produção capitalista, mas também no campo doméstico e na esfera pública em geral – isso se constitui na mais importante contribuição para a sociologia na década de 1980. Nesse sentido, o movimento feminista tem desempenhado um papel crucial na politização do espaço doméstico, ou seja, na revelação do autoritarismo em que se traduzem as relações que o constituem e na formulação das lutas apropriadas para democratizá-las. Além disso, em relação às questões envolvendo sexo e gênero, consultamos Butler (1993, p. 5) para esclarecer que,

Se gênero consiste nos significados sociais que o sexo assume, então o sexo não *acumula* significados sociais como propriedades aditivas, mas, ao contrário, é substituído pelos significados sociais que assume, o sexo é abandonado no curso desse pressuposto, e gênero emerge, não como um termo em uma relação contínua de oposição ao sexo, mas como o termo que absorve e desloca “sexo”, a marca de sua plena substancialização em gênero ou o que, de um ponto de vista materialista, poderia constituir uma dessubstanciação completa.

Encontramos em Butler (1993) a consideração de que o feminismo, na visão de muitos, é pontuado como algo circunscrito ao corpo da mulher e que esse sujeito/corpo feminino contém em si várias construções sociais, como se o sexo fosse em si mesmo gênero. Isso é representado pelo filme em análise, no qual a sociedade contemporânea é retratada como atribuindo papéis específicos ao homem e à mulher, como



se o sexo definisse o gênero do indivíduo e esse gênero definisse sua função e poder como indivíduo dentro de um coletivo.

### 3 PROCEDIMENTOS

Para atendermos ao objetivo proposto neste estudo, adotamos como *corpus* de análise o recorte de três trechos do filme *Eu não sou um homem fácil*. As cenas foram selecionadas pelas pesquisadoras após observação de todo o filme, de modo a contribuir nas discussões pertinentes sobre o tema. Desse modo, esta pesquisa se enquadra como qualitativa e utilizamos como aporte metodológico a Análise de Discurso (AD) com relação à concepção de discurso. Propomos pensar as cenas na condição de discursos, no sentido utilizado por Maingueneau (2015, p. 36), pois “as pessoas produzem textos para fazer passar uma mensagem, para exprimir ideias e crenças, para explicar algo, para levar outras pessoas a fazer certas coisas ou a pensar de certa maneira, e assim por diante”. O sentido se constrói dentro das fronteiras do discurso, mas mobilizando elementos exteriores.

Além disso, como estamos lidando com um filme, estamos entrando no universo cinematográfico e, portanto, “o que distingue o cinema de todos os outros meios de expressão cultural é o poder excepcional que advém do fato de que sua linguagem funciona a partir da produção fotográfica da realidade” (Martin, 2005, p. 24). Por isso, o filme traz representações buscando espelhar situações cotidianas, o que possibilita que o espectador sinta uma espécie de identificação com os personagens.

Dentro da AD, entendemos que o *corpus* de análise (em nosso caso, as cenas do filme) não é produzido somente pelo sujeito, mas tem correlação com a sua posição sócio-histórica. Para Foucault (2017), devemos perguntar como determinado enunciado apareceu e não outro, logo, é preciso descobrir o não dito dentro desse discurso. Isto é, trata-se

[...] de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação, de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados, a que pode estar ligado, demonstrar que outras formas de enunciação excluem (Foucault, 2017, p. 34).

Com base nisso, observamos que o filme é atravessado por questões sociais e históricas que devem ser levadas em consideração durante as análises. No entendimento de Maingueneau (2015), uma questão importante dentro da AD é que a análise ocorre a partir de unidades tópicas. Essas unidades tópicas que se impõem no decorrer do discurso constituem a formação discursiva (FD). Para Foucault (2017, p. 142, grifos do autor), “a formação discursiva é o sistema enunciativo geral ao qual obedece um grupo de *performances* verbais. [...] Um enunciado pertence a uma formação discursiva como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. Assim, a FD não é formada por um conjunto particular de vocabulário dentro do *corpus*, mas sim o modo ou a posição ideológica que essa escolha de vocabulário indica, ou seja, que efeitos de sentido essa escolha de vocabulário provoca. Conforme

Orlandi (2015, p. 40), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. Além disso, a autora também afirma que as FDs determinam o que pode e deve ser dito, constituindo os sentidos do discurso. Logo, ao examinarmos os *corpora* de análise, emergiram FDs, possibilitando a compreensão da intenção do filme na transmissão da imagem de mulher e de homem.

Com relação à obra, dirigida por Eléonore Pourriat, *Eu não sou um homem fácil* foi lançada na plataforma *Netflix* em abril de 2018. A trama é desenvolvida a partir da perspectiva do personagem principal, o francês Damien. Esse homem é um estereótipo de um homem machista, sendo um conquistador que objetifica as mulheres e defende a supremacia do sexo masculino. No entanto, o *plot twist* no filme acontece quando ele bate a cabeça e “acorda” em um mundo “invertido”, no qual homens e mulheres desempenham papéis inversos, na perspectiva da sociedade contemporânea. A vida do protagonista, no entanto, não mudou, ele continua solteiro, com emprego e amigos. Além disso, suas ideias e opiniões também não mudaram (pelo menos no início da história), ou seja, é como se ele representasse o homem moderno perdido em meio ao empoderamento feminino. O mundo inteiro que ele conhecia chegou a uma inversão: seu melhor amigo é um “dono de casa”, enquanto sua chefe usa terno; o corpo masculino é tratado de forma muito sexualizada, enquanto o corpo feminino é coberto por calças e camisas; a depilação torna-se um padrão masculino e os homens são o sexo frágil, enquanto as mulheres são o sexo forte, escolhido pela natureza como capaz de gerar novas vidas. Em determinado momento, Damien conhece Alexandra (por quem ele estava interessado antes da inversão de papéis) que agora é uma versão feminina dele, já que ela trata os homens como meios de atender às suas necessidades. Damien começa a perceber as consequências de “ser homem” nessa sociedade e o filme se desenvolve nessa perspectiva.

## 4 MOVIMENTOS DE ANÁLISE

Bordwell e Thompson (2008, p. 60) afirmam que o significado “é importante para nossa experiência de obras de arte”. Mesmo sendo o significado sujeito a diferentes interpretações, os autores apontam que existem quatro tipos principais de significado: (1) referencial, que é muito concreto e composto por elementos que carregam significado próprio, como eventos, coisas e lugares; (2) explícito, que normalmente é definido pelo contexto e considera toda a forma do filme; (3) implícito, sugerido ou implícito pelo filme e que advém das interpretações do espectador; e (4) sintomático, geralmente abstrato e geral, situando o filme em uma tendência ou modo de pensar. Portanto, as interpretações, as análises, as discussões e, conseqüentemente, os resultados são produtos diretos dos significados que emanam e que significam no sujeito que os interpreta, estando abertos a outras possibilidades. Desse modo, esclarecemos ao leitor que as análises apresentadas são fruto da interpretação das autoras com base em suas leituras.

Para iniciarmos a análise das três cenas selecionadas do filme, é necessário contextualizá-las. Na primeira cena, depois que Damien percebe como a “sociedade in-

vertida” funciona, ele passa a se adaptar a ela. Ele faz isso, por exemplo, depilando os pelos e usando roupas que evidenciam seu corpo. Na figura 1, observamos, em um plano conjunto/geral, o personagem principal saindo de seu apartamento e “entrando” nesse novo mundo para trabalhar. É interessante notar como essa passagem pela porta do condomínio ilustra esse ingresso na sociedade após ele realizar alterações em seu corpo, vestimenta e atitude para ser “aceito”, isto é, passou a seguir as normativas impostas sobre seu corpo.

**Figura 1** – Damien “adaptado” aos modelos atuais



Fonte: *Eu não sou um homem fácil* (2018).

O personagem é contratado para exercer uma profissão considerada feminina: ser secretário de uma grande empresária. Assim, ele usa roupas curtas que expõem seu corpo (considerado o padrão feminino em nossa sociedade). Primeiro, observamos que o corpo de Damien não apresenta mais pelos. O doloroso processo de eliminá-los é retratado em cenas anteriores, nas quais o filme busca relacionar o sofrimento feminino à necessidade de ser atraente para o sexo oposto. O rosto do personagem também aparece sem pelos, liso e com maquiagem. Em oposição aos *shorts* apertados que mostram as pernas (roupas consideradas femininas no filme), para transmitir um ar de seriedade (afinal, “não sou um homem fácil”), o novo funcionário usa um blazer.

Butler (1990) aponta que a representação, em função da linguagem, revela ou distorce a imagem, tida como verdadeira, do feminino. Considerando a perspectiva de que as mulheres, como sujeitos de sua categoria, manifestam a existência de uma determinada identidade, observamos que o filme retrata essa questão quando Damien passa por mudanças em suas vestimentas e corpo na busca de atender as representações do que é feminino na perspectiva da sociedade contemporânea.

A cena da figura 1 é composta em um plano geral e em um ângulo normal, ou seja,



não há foco em detalhes ou em ângulos específicos. Isso evidencia a tentativa de mostrar a situação vivida pelo personagem de forma ampla, distante e como ela é, ou seja, simplesmente a realidade. Não há destaques para ele ou algum aspecto específico, ele é só mais um naquele ambiente. Ele não tem importância ou visibilidade. O personagem é emoldurado no centro e suas roupas parecem se camuflar no ambiente; ainda, as pernas nuas parecem combinar com a cor dos pilares. Aquilo é normal e cotidiano, não há realce em seus sentimentos ou sofrimento.

Ao olharmos para Foucault (1984) e a ética do cuidado feminista, o autor francês entende que o sujeito é socialmente constituído por meio de uma rede de discursos, de instituições e de práticas (percebemos isso por intermédio das mudanças que Damien faz após sofrer influência dessa rede). O corpo tem um papel central em Foucault (1984). O autor francês politiza o corpo, e suas noções de práticas disciplinares de micropoder são ferramentas úteis para a análise feminista do corpo, especialmente para esclarecer o poder patriarcal das normas culturais feministas. Um dos efeitos do poder sobre o corpo é a subjetividade, portanto, questões de subjetividade são inseparáveis das questões do corpo. Então, a subjetividade é sempre corporificada.

De acordo com McLaren (2016), as práticas disciplinares de Foucault constroem o corpo feminino. Seus exemplos retratam como as opressivas normas sociais e patriarcais não são apenas impostas pelo exterior, mas também internalizadas. E, quando não são internalizadas com sucesso, podem ocorrer sanções sociais. Essas sanções vão do isolamento relativamente menor à privação econômica resultante de perda de emprego e ameaças de violência física, por exemplo, em caso de notada transgressão de gênero.

Além disso, Foucault (2018) discute sobre o descentramento do sujeito moderno<sup>3</sup> a partir de uma genealogia. O poder disciplinar está preocupado com a regulação (visto que a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras) e com o indivíduo e o corpo. O objetivo do poder disciplinar consiste em controlar as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo, assim como sua saúde física e moral. Suas práticas sexuais e sua vida familiar estão sob estrito controle e disciplina com base no poder dos regimes administrativos do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas disciplinas das ciências sociais. O objetivo básico é produzir um ser humano que possa ser tratado com um corpo dócil.

Contudo, acontece um impacto do feminismo tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social. O movimento questionou a clássica distinção entre o dentro e o fora, o privado e o público, e abriu para contestação arenas inteiramente novas de vida social (a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, entre outros). Também enfatizou a forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados (identidade pós-moderna). Isto é, politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identi-

---

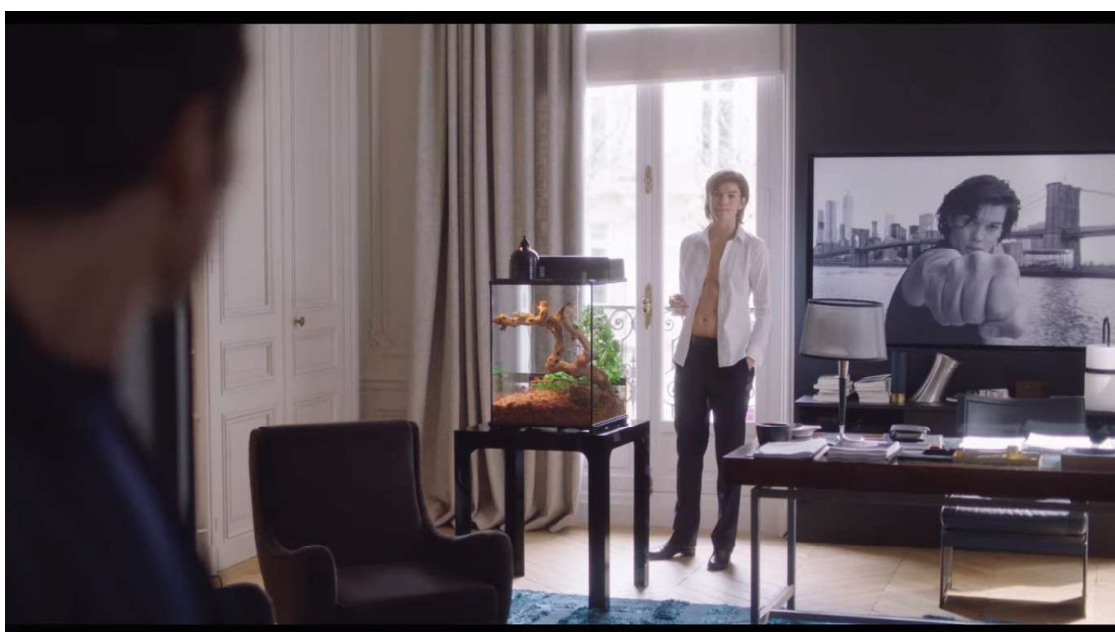
3 Apesar de Foucault investigar o sujeito moderno e neste artigo focarmos nos estudos pós-modernos, entendemos que os escritos do autor francês complementam as análises e contribuem para uma compreensão aprofundada do sujeito moderno.



ficação; incluiu a formação das identidades sexuais e de gênero e questionou a noção de que os homens e as mulheres eram partes da mesma identidade: a humanidade (Hall, 2015).

Em contraste com a representação “feminina” de Damien disposta na figura 1, na figura 2 temos a cena em que o personagem principal chega ao local de trabalho e conhece Alexandra, sua chefe. Na cena, temos a perspectiva de Damien sobre o espaço e o corpo em sua frente. Com a silhueta de Damien à esquerda, Alexandra está quase ao centro, tranquila e superior. Sua potência parece ser tão forte que ela ocupa dois lugares: o seu corpo real e uma fotografia mostrando seu lado “másculo”, agressivo, perigoso, poderoso.

**Figura 2** – Alexandra recepciona Damien em seu escritório



Fonte: *Eu não sou um homem fácil* (2018).

Nesta cena, Alexandra incorpora o “masculino” conhecido, usando um sapato fechado e social, calças mais folgadas, camiseta social aberta e que destaca seu físico. A mulher flerta com o homem, assediando-o e deixando-o desconfortável no ambiente de trabalho (um retrato da realidade das mulheres contemporâneas). Ao contrário de Damien, que se sente desconfortável com o *short* exibindo suas pernas, Alexandra está extremamente confortável com a camisa aberta, exibindo seu corpo, o que pode representar o comportamento masculino do ponto de vista do filme.

As três cenas destacam o objetivo do filme em retratar a localização das mulheres na cultura francesa e também ocidental. Ou seja, Damien precisa se encaixar dentro dos padrões estabelecidos e desempenhar uma função inferior à de Alexandra, que representa a superioridade masculina, o poder e, portanto, se sente no direito de tratar o outro (do sexo oposto) como insignificante e, até, como um objeto. Essa noção de poder é discutida por Foucault (2018) e muito pertinente à teoria feminista.

O poder é móvel, local, heterogêneo e instável. O poder vem de toda parte. Ele é

exercitado a partir de inúmeros pontos. Foucault (2018) enfatiza a ambiguidade do poder: ele vem de baixo, não somente de cima como no modelo de poder jurídico discursivo. O poder não exclui a liberdade, mas a sugere. Mas, como a liberdade é possível se o poder está em toda parte? Foucault (2018) responde: se há relações de poder em todos os campos sociais, isso é porque há liberdade em todos os lugares.

A liberdade, para Foucault (2018), nunca está fora das relações de poder, mas ocorre quando as relações de poder se deslocam por meio de reversão ou de resistência. A reversão acontece quando o equilíbrio do poder se desloca dando a uma pessoa ou a um grupo de pessoas vantagem. Ele usa o exemplo de um jogo de xadrez: há sempre relações de poder em jogo (entre as peças, entre os jogadores), mas o equilíbrio de poder muda a cada movimento. A resistência também envolve mudanças nas relações de poder. Assim, tanto a reversão quanto a resistência ao poder podem ser individuais ou coletivas. Portanto, o discurso pode ser tanto um instrumento quanto um efeito do poder, mas também um obstáculo, uma pedra no caminho, um ponto de resistência e um ponto de partida para uma estratégia de oposição. O discurso transmite e produz poder, ele o reforça, mas também o enfraquece e o expõe; fragiliza e torna seu impedimento possível.

Ainda nessa representação de superioridade e de inferioridade, em outra cena do filme (Figura 3), Lolo (amiga de Damien) dá à luz por meio do parto natural.

**Figura 3** – Lolo em parto natural



**Fonte:** *Eu não sou um homem fácil* (2018).

Em um plano geral, Lolo aparece quase que no centro da imagem; em pé e agarrada em uma barra, o que demonstra calma e domínio da situação. Ela demonstra força e superioridade, enquanto seu marido fica preocupado e chora. A equipe médica é composta por homens que usam roupas rosas (geralmente associada ao feminino), enquanto a sala e a roupa de Lolo são em tons azuis. É interessante notar que o diretor do filme optou por manter a geração de uma vida condicionada às mulheres e não aos

homens, tendo em vista que o filme retrata as consequências da inversão de tudo o que envolve tanto o masculino quanto o feminino. Butler (1993, p. 31) afirma que

A associação clássica da feminilidade com a materialidade pode ser atribuída a um conjunto de etimologias que ligam a matéria à matéria e à matriz (ou ao útero) e, portanto, a uma problemática da reprodução. A configuração clássica da matéria como local de geração ou originação torna-se especialmente significativa quando a explicação do que é e significa um objeto requer o recurso ao seu princípio originário.

Outra questão pertinente é que, na cena citada, a personagem afirma que a natureza escolheu as mulheres para serem geradoras de vida justamente por serem o sexo mais forte, únicas capazes de fazê-lo. Isso demonstra um ponto de inflexão na perspectiva da sociedade, ou seja, as mulheres geralmente são atribuídas ao sexo mais frágil, mas são elas que geram a vida humana em seus ventres. Os homens, considerados o sexo mais forte, desempenham um papel periférico nessa situação. Nesse sentido, podemos notar que o filme critica a perspectiva masculina de ser “o sexo mais forte” apenas por ser masculino, ao apontar que o feminino é “o sexo mais forte” escolhido pela natureza, já que a mulher é responsável por gerar vida.

Para McLaren (2016), as práticas disciplinares de Foucault (1984) constroem o corpo feminino. Seus exemplos retratam como normas sociais patriarcais opressoras não são apenas impostas de fora, mas também internalizadas. Assim, verificamos que Damien só percebe as normas impostas externamente quando passa a senti-las diretamente no corpo e no ser/comportamento, afinal, essa não era a sua realidade; enquanto os outros personagens masculinos os internalizaram e, portanto, não identificaram sanções sociais e sexistas.

Assim, percebemos que a proposta do filme é abrir os olhos do espectador e mostrar que não basta a simples inversão de papéis; mudanças profundas são necessárias. Isso porque, na sociedade retratada, permaneceram preconceitos, violências e desigualdades, mas do lado oposto. Não se deve afirmar quais são os papéis de homens e de mulheres na sociedade, pois há pouco consenso sobre o que viria a ser a categoria do sujeito “mulher” (Butler, 1990). Determinados papéis, posições, funções relacionadas ao gênero não devem ser o caminho, uma vez que, segundo Foucault (1984), a transformação de uns pode levar à transformação social à medida que os indivíduos criam novas formas não normalizantes e não institucionais e convivem com os outros. Conforme o autor francês, a dominação ocorre quando relações de poder se estagnam, bloqueiam-se e tornam-se fixas. O entendimento da dominação pode explicar as relações assimétricas de poder, uma vez que tal noção não está limitada ao poder político, mas existe em relações sociais. Logo, a solução não está na inversão, mas na transformação.

## **5 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

O professor, sendo mediador, proporciona leituras que vão além do prazer, “estimulando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações



conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar” (Napolitano, 2019, p. 15). Essa percepção vai ao encontro do que defende Duarte (2009), no sentido de que o cinema contribui para a construção de sujeitos mais críticos. Para a autora, esse é o principal interesse na área educacional que envolve o cinema, pois “parece ser dessa forma que certas experiências culturais, associadas a um certo modo de ver filmes, acabam interagindo na produção de conhecimentos, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais” (Duarte, 2009, p. 18).

Aliás, todos esses aspectos, com experiências, referências e visões de mundo, interferem na interpretação de quem assiste ao filme. Portanto, a compreensão desses mecanismos pelos alunos contribui para uma pluralidade de opiniões, afinal, quando falamos de um determinado filme, estamos dando sentido a ele a partir de experiências que adquirimos até aquele momento (Duarte, 2009). Além disso, a autora afirma que os filmes representam e retratam diversas questões sociais de extrema relevância que podem e devem possibilitar debates e construções críticas, afinal, assistir filmes é tão importante quanto ler obras literárias.

Com isso em mente, observamos os preceitos da BNCC, que serve como documento norteador do ensino no Brasil: reconhece-se que a utilização do filme enfatiza a interdisciplinaridade como uma abordagem que possibilita aos alunos estabelecerem conexões entre diferentes áreas do conhecimento. Isso permite aos professores integrarem conteúdos de disciplinas como história, sociologia, filosofia, língua portuguesa e educação para a cidadania. Além disso, a promoção de atividades que envolvem recursos audiovisuais, como o filme em questão, contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades como análise crítica, interpretação de texto e compreensão de contextos culturais, bem como para o aprimoramento da expressão oral e escrita. Paralelamente, fomenta-se o desenvolvimento de valores éticos, bem como o respeito à diversidade e à pluralidade, ao promoverem-se espaços de diálogo e reflexão tanto no âmbito escolar quanto social, como objetivado pelo documento nacional.

No que concerne às turmas e às disciplinas em que atividades que utilizam o filme podem ser desenvolvidas, em acordo com os parâmetros estabelecidos pela BNCC, e sem o intuito de esgotar as possibilidades, podemos sugerir: i) para o Ensino Médio, nas disciplinas de sociologia e filosofia, nas quais recortes do filme podem ser utilizados para discutir questões de gênero, patriarcado e feminismos; os alunos podem, ainda, analisar relações de poder entre homens e mulheres representadas no filme e relacioná-las com teorias sociológicas ou filosóficas sobre o tema; debates também podem ser levantados sobre o tópico, refletindo sobre as expectativas de gêneros presentes na sociedade contemporânea e como ela influencia as relações interpessoais e sociais; ii) para o Ensino Médio, nas disciplinas de língua portuguesa e afins, na quais recortes do filme podem ser explorados por meio da análise diálogos, construções de personagens e narrativas; além disso, os alunos podem escrever resenhas críticas, ensaios ou produções textuais refletindo sobre as mensagens transmitidas pelo filme em relação às questões de gênero; também, podem ser explorados elementos da linguagem cinematográfica, como fotografia, sonoro e direção, para compreender como esses elementos contribuem para a construção do significado; iii) para o Ensino Fun-



damental II, disciplinas de história, geografia, sociologia, e afins, nas quais recortes do filme podem ser utilizados como ponto de partida para discussão sobre a evolução das relações de gênero ao longo da história, bem como investigações de como as noções de masculinidade e feminilidade foram construídas em diferentes contextos culturais e históricos; os alunos também podem explorar o papel das mulheres na sociedade ao longo do tempo e as lutas por direitos e igualdade de gênero.

Embora a abordagem do tema seja de extrema relevância, promovendo reflexões sobre igualdade e respeito mútuo, algumas limitações podem ser encontradas no contexto pedagógico, como, por exemplo, a sensibilidade dos alunos devido a possíveis eventos traumáticos ou experiências negativas que possam estar conectadas ao tema, demandando muita capacitação e preparação por parte dos professores para lidar com situações de respostas emocionais intensas em sala de aula, o que também pode ser visto como uma limitação, a capacitação e o preparo dos professores, contando com ferramentas e informação, no que tange a tratar de temas e assuntos polêmicos ou controversos, que suscitam opiniões diversas. Em se tratando do filme em específico, não recomendamos que seja assistido na íntegra no contexto escolar, devido à presença de cenas fortes, de cenas de cunho sexual, ou mesmo cenas de preconceito que podem gerar respostas emocionais como trauma ou revolta; por isso, sugerimos a escolha de cenas/recortes específicos do filme que possam retratar de forma clara o que se busca desenvolver na atividade em sala de aula.

Por isso, o filme *Eu não sou um homem fácil* proporciona discussões críticas em sala de aula: o professor pode promover diversas situações que colocam os alunos em alerta, observando as cenas e a lógica de construção narrativa não passivamente, mas de forma ativa, atenta e crítica. Além disso, em todas as atividades, é importante estabelecer um ambiente de respeito e empatia, incentivando o diálogo aberto e o pensamento crítico. Ressaltamos que é fundamental adaptar a abordagem de acordo com a faixa etária de cada turma e com suas necessidades específicas de aprendizado.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, procuramos analisar como as mulheres de classe média na sociedade contemporânea são retratadas no personagem de Damien no filme *Eu não sou um homem fácil*, que critica o sexismo intrínseco à sociedade e é dirigido por Eléonore Pourriat. Assim, três cenas do filme foram analisadas, resultando em algumas considerações: (1) o corpo feminino é objetificado pelos homens, considerando o apelo sexual das roupas e dos comportamentos “femininos”; (2) as mulheres devem ocupar posições subestimadas na sociedade, trabalhando em posições inferiores às dos homens (isto é, secretária e não chefe); (3) as mulheres sofrem todo tipo de subestimação e preconceito, estando sujeitas ao poder e à supremacia masculina na sociedade; (4) do ponto de vista feminista, a mulher deve ser considerada como o sexo mais forte devido à sua capacidade de gerar vida e dar à luz.

Em relação à visão feminista das representações retratadas no filme, estamos de acordo com as ideias de Butler (1990, 1993) sobre não haver papéis determinados nem

a homens nem a mulheres na sociedade, uma vez que não está claro o que se encaixa nessas categorias; e de Foucault (1984), sobre as mudanças na sociedade que se dão por meio da modificação de si mesmo, buscando criar formas não normalizadoras e não institucionais na sociedade. A territorialidade simbólica surge de práticas de significação, de identificação e de representação em espaços culturais, sociais e políticos. Nesses locais, as identidades são reivindicadas, contestadas e transformadas. Portanto, com base nas análises, é evidente que os espaços ocupados pela mulher não são estáticos, mas dinâmicos e fluidos; em constante transformação. Contudo, é necessário lutar pela desconstrução de normas e de relações de poder que buscam aprisionar a identidade feminina em uma única forma.

Embora o filme *Eu não sou um homem fácil* tenha sido produzido dentro do contexto francês e aborde questões específicas relacionadas ao machismo na sociedade contemporânea sob a ótica francesa, muitos dos temas e mensagens apresentados no filme extrapolam os limites geográficos e se tornam relevantes de forma universal. Isto é, apesar de que manifestações machistas possam variar de acordo com o contexto cultural e social, as questões subjacentes relacionadas à desigualdade de gênero, estereótipos e expectativas de gêneros são universais, estão presentes em todo o mundo em maior ou menor escala; nesse tocante, o filme oferece uma oportunidade de explorar essas questões de forma mais ampla e promover a reflexão sobre como elas se manifestam em diferentes contextos ao redor do mundo, inclusive na sociedade brasileira.

Ainda, mesmo partindo de um ponto específico, como a sociedade francesa, o filme pode servir como estímulo para grandes discussões sobre questões de gênero e seus papéis na sociedade, rumando a um diálogo intercultural, pois essa desconstrução de estereótipos pode gerar reflexões valiosas no que diz respeito a expectativas sociais e seu impacto em diferentes culturas e sociedades.

## REFERÊNCIAS

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **Film Art: an introduction**. 8. ed. McGraw-Hill: New York, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

DUARTE, Rosalia. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

EU não sou um homem fácil [*Je ne suis pas un homme facile*]. **Netflix**. Diretor: Éléonore Puorriat. França: Netflix, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de Si**. 12. ed. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Curso no Collège de France (1978). 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MARTIN, Marcel. **The cinematic language**. Lisbon: Dinalivro, 2005.

MCLAREN, Margaret. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **How to use cinema in the classroom**. São Paulo: Context, 2019.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mãe de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

VILHENA, Junia de. **Repensando a Família. Psicologia**. [S.l]: Psicologia, 2004.

## FEMINISM IN CONTEMPORARY SOCIETY THROUGH THE LENS OF THE FILM I'M NOT AN EASY MAN

**ABSTRACT:** Directed by Eléonore Pourriat, the film “I’m not an easy man” criticizes the intrinsic sexism in society in a fun and light way, using the comedy genre, and meeting its central goal of showing the feminist perspective on the sexist domination of society. By understanding that audiovisual representations contribute to reflections and investigations in the field of human sciences and, more than that, they are focused on symbolic territories, expanding understandings and interpretations of the world, our main objective in this study is to analyze how women of middle class in contemporary society are portrayed in the character Damien in the film “I’m not an easy man”. Damien is the stereotype of a typical sexist man who, after hitting his head, wakes up in a society in which men and women have their roles changed. In order to develop this analysis, theoretical discussions were first held in the “brief theoretical notes” section, of which we highlight issues related to postmodernity and feminism. Then, the analyses are developed from three scenes from the movie which serve as an analysis corpus. Moreover, in “pedagogical implications” the importance of cinema as an educational tool is addressed, as well as possible uses for the extracts of the film, in an interdisciplinary way. It was concluded, through the analyses, from the perspective of the film, that middle-class women in contemporary society deal with issues related to objectification of the female body, underestimation in professional environment, in addition to prejudice and inequality.

**Keywords:** Feminism; Film Analysis; *I am not an easy man*.

## EL FEMINISMO EN LA SOCIEDAD CONTEMPORÁNEA A TRAVÉS DE LA LENTE DE LA PELÍCULA I AM NOT A EASY MAN

### RESUMEN

Dirigida por Eléonore Pourriat, la película *No soy un hombre fácil* (2018) critica el machismo intrínseco a la sociedad de una manera divertida y ligera, utilizando el género de la comedia, y cumpliendo su objetivo central de mostrar la perspectiva feminista sobre la dominación sexista de la sociedad. Al entender que las representaciones audiovisuales contribuyen a las reflexiones e investigaciones en el campo de las ciencias humanas y, más que eso, que se centran en territorios simbólicos, ampliando comprensiones e interpretaciones del mundo, nuestro principal objetivo de este estudio es analizar cómo las mujeres de clase media en la sociedad contemporánea son retratadas en el personaje Damien de la película *No soy un hombre fácil*. Damien es un estereotipo típico de un hombre macho que, después de golpearse la cabeza, despierta en una sociedad donde hombres y mujeres han invertido los papeles. Para desarrollar este análisis, primero se llevaron a cabo discusiones teóricas, de las cuales destacamos cuestiones relacionadas con la posmodernidad y el feminismo. A continuación, se realizan los análisis a partir de las tres escenas de la película que sirven como corpus de análisis. También se aborda la importancia del cine como herramienta educativa y las posibilidades de utilizar fragmentos de la película como recurso transdisciplinario. Se concluyó, a través de los análisis y desde la perspectiva de la película, que las mujeres de clase media en la sociedad contemporánea lidian con cuestiones relacionadas con la cosificación del cuerpo femenino, la subestimación en el ámbito profesional, además de los prejuicios y la desigualdad.

**Palabras clave:** feminismo; análisis cinematográfico; *No soy un hombre fácil*.